

Apenas 3 extintores protegem o Convento da Penha contra o fogo

Se ocorrer um incêndio no Convento, da Penha, o que fazer para conter as chamas e salvar as raras e antigas obras de grande valor artístico e histórico que lá existem? Para prevenir catástrofe dessa natureza, encontram-se instalados nas paredes do convento três — somente três — extintores e cartazes advertindo aos fiéis a não fumar no interior do prédio e nem entrar com velas acesas. Além disso, os padres confiam, têm fé e esperança de que não ocorrerá com o convento o que se registrou no Museu de Arte Moderna (MAM) do Rio de Janeiro, no dia 8 deste mês.

Apesar da notória fragilidade das medidas de prevenção contra incêndio no Convento da Penha, os padres acreditam na eficiência do Corpo de Bombeiros de Vitória para atender, com a devida rapidez, um eventual chamado de socorro. A mesma opinião tem o prefeito de Vila Velha, Américo Bernardes da Silveira, que não cogita criar no município um serviço próprio de combate ao fogo, alegando falta de recursos e acreditando no trabalho dos soldados que podem ser deslocados da capital.

O Convento da Penha, no entanto, erguido no topo de uma montanha com 154 metros de altura, já esteve ameaçado por várias vezes. Uma delas ocorreu há cerca de 20 anos, segundo contou o frei Virgílio Barri, quando um princípio de incêndio no salão de Batismo ameaçou todo o monumento. Mais recentemente, a mata que o circunda pegou fogo em mais de uma ocasião, exigindo a ação do Corpo de Bombeiros, que conseguiu evitar problemas mais sérios.

A administração do Convento, por si própria, não tem materiais para proteger o monumento contra um incêndio. Disso têm consciência os padres que o administram. Eles, no entanto, ainda não fizeram nenhuma reivindicação no sentido de aumentar o esquema de segurança que lá existe, de modo a garantir as obras e paisagem histórica contra uma eventual catástrofe.

CONSTANTE AMEAÇA

A mata que circunda o Convento talvez seja o ponto máximo de toda a sua história e beleza, mas está constantemente ameaçada em relação ao fogo. Prova disso, inclusive, é que várias vezes o Corpo de Bombeiros foi chamado para conter as chamas, provocadas quase sempre por pontas de cigarros ou velas colocadas junto a uma das sete cruzeiras, situadas a beira do caminho mais antigo que leva ao cume da montanha.

Para evitar a repetição de tais fatos, a administração do Convento vem sugerindo às pessoas que comparecem ao local a não acender velas junto às estas cruzeiras. Além disso, foi colocado um vigia de plantão no portão principal de acesso ao cume da montanha, com a incumbência de alertar aos visitantes sobre tudo que venha representar o fogo ao maior monumento histórico e religioso do Estado.

Mesmo, assim, tanto o Convento como a mata mostram sinais de fragilidade no que diz respeito a segurança e prevenção contra o fogo.

Havendo um princípio de incêndio, tanto na mata como no próprio Convento, a primeira providência — depois de feito o chamado ao Corpo de Bombeiros — seria tomada com o acionamento dos três extintores à disposição, únicos instrumentos de defesa a contar imediatamente os

padres, sacristão, guardas noturnos, vigias ou qualquer outro elemento em atividade no Convento. Estes equipamentos, contudo, de reduzida capacidade de combate, podem ser insuficientes para evitar o agravamento da situação, dependendo, a partir daí, do deslocamento dos bombeiros, distantes do local cerca de 10 quilômetros.

A essa conclusão se chega em função da confiança constatada pelos padres nos três extintores, na fé e esperança que depositam de que não ocorra uma catástrofe de natureza mais grave no Convento. Contrapõem-se a tudo isso alguns exemplos, como o recente princípio de incêndio ocorrido numa das salas do 10º andar do edifício Ruralbank, no centro de Vitória, onde todos os recursos utilizados pelas pessoas que lá se encontravam mostraram-se insuficientes para evitar os prejuízos registrados.

Um pouco mais distante, o Museu de Arte Moderna, do Rio de Janeiro, teve várias de suas obras, destruídas pelo fogo, no último dia 8, prejuízos que jamais serão recuperados.

No caso do Convento, a começar pela mata, o visitante desavisado, ou mesmo imprudente, que lançar uma ponta de cigarro no mato onde se encontram folhas secas, poderia estar sendo a causa de uma grande catástrofe. Isso porque nem sempre os olhos vigilantes do porteiro estariam cobrindo todo o raio de ação, onde diariamente caminha uma leva bastante considerável de pessoas.

Ainda que o fogo fique restrito a mata, destruindo qualquer pequena faixa de vegetação que seja, isso já significaria prejuízos incalculáveis, já que aquela flora faz parte também do Convento, constituindo-se num dos principais fatores de beleza do monumento.

Apesar do risco que corre aquela área de vegetação natural, ela pode ser atendida até com certa facilidade pelo Corpo de Bombeiros — ao contrário do Convento propriamente dito, pois não existe ao longo da estrada que dá acesso ao topo da montanha, dotada de condições para permitir o tráfego de veículos, nenhum hidrante com o fim de combater o fogo.

PERIGO MAIOR

Em qualquer ponto da mata, onde houver um incêndio ou princípio de incêndio, o Corpo de Bombeiros de Vitória, se chamado imediatamente, poderia iniciar o combate às chamas dentro de 10 a 15 minutos, segundo cálculos do prefeito Américo Bernardes da Silveira. De fato, supõe-se que o pronto atendimento ao chamado poderia garantir aquela paisagem.

Apesar da credibilidade ao atendimento do Corpo de Bombeiros pelo prefeito Bernardes, sabe-se das condições adversas que grande número de veículos encontram diariamente — inclusive ambulâncias, para sair de Vitória e alcançar o continente, em determinados períodos. Nos horários de rush, por exemplo, os congestionamentos de veículos cobrem desde o Parque Moscoso até a ponte Florentino Avidos (única ligação da capital com Vila Velha), e nessas condições mesmo as viaturas com sirenes ligadas encontram dificuldades para arrancar espaços entre veículos, demorando no atendimento que deveria se processar rapidamente.

Além disso, nenhuma viatura de socorro no Espírito Santo teria condições de chegar rapidamente até o cume da

montanha, onde está localizado o Convento da Penha. E é lá que reside a maior preocupação diante das possibilidades de incêndio.

Mais de 100 degraus separam a esplanada (também chamada de "campinho" — e até onde é possível subir qualquer viatura), do prédio do Convento da Penha, cuja história vem de 1558, com a chegada ao Espírito Santo de frei Pedro Palácios, iniciando sua ação franciscana. No limite da escadaria encontram-se obras de Benedito Calixto, com mais de um século e de rara beleza artística, imagem de Jesus Cristo, Pia Batismal, imagem de Nossa Senhora da Penha — encomendada por Pedro Palácios em Portugal e inaugurada em 1570, com 76 centímetros de altura, além de outras peças valiosas dentro da cultura e história do monumento religioso.

Quem entra no santuário do Convento, é logo advertido sobre uso de cigarro e velas acesas. Para estas foi construído um local na base do prédio, onde são cremadas, e por isso os riscos de causar possível incêndio são considerados bastante remotos. Além disso, o padre Virgílio sentenciou que na parte elétrica todos os cuidados foram tomados para evitar uma catástrofe, com a fiação toda encanada.

O padre informou também que nos três compartimentos em que se divide o prédio do Convento da Penha existem pessoas atentas a qualquer coisa fora do normal. Em cada um desses andares existem um extintor de incêndio, cujo manuseio também foi garantido pelo sacerdote.

Qualquer dúvida levantada quanto a insegurança do Convento da Penha, com relação a eventual incêndio, é prontamente rechaçada pelos padres. Eles apontaram seis reservatórios de água existentes do topo da montanha, lembraram as vezes em que o 38º Batalhão de Infantaria (localizado na base da montanha) compareceu ao local ao ouvir o disparo de um tiro, bem como as medidas preventivas que são tomadas para proteger todas as obras lá existentes.

Grande parte do material que compõe o mobiliário, adorno e muitas outras peças do Convento da Penha, além do teto e do piso, são de madeira — material inflamável. Porém, tudo é vigiado dia e noite, conforme salientou o padre Virgílio Barri. "Até as velas que ficam acesas durante o dia são apagadas à noite, antes do deitar", acentuou.

Para reforçar sua confiança, fé e esperança contra uma catástrofe, o padre Virgílio disse que todas as noites fica um vigia de plantão rondando as dependências do Convento, além dos soldados do 38º BI, "que também estão atentos e prontos a prestar socorro caso haja necessidade". Em relação ao Corpo de Bombeiros, disse que todas as vezes que foi necessária sua presença ao local, lá compareceu com rapidez e eficiência. Nada há o que temer, foi a impressão dada pelo padre.

Já o prefeito Américo Bernardes, abordado não só com relação ao Convento da Penha, mas também em torno da segurança contra incêndio do município, disse que confia no serviço do Corpo de Bombeiros de Vitória, o qual "mais de uma vez já socorreu a mata do convento, quando esta pegou fogo". Contudo, não desprezou a importância deste serviço permanente em Vila Velha, onde ele acha que devia existir, mas "a Prefeitura não pode arcar com as suas despesas".